

**CRENÇAS E FALARES DO SERTÃO: EDIÇÃO DO CORDEL  
“A MESINHA”, DE EULÁLIO MOTTA**

*Maria Rosane Vale Noronha Desidério* (UEFS)

[vale123456r@gmail.com](mailto:vale123456r@gmail.com)

*Patrício Nunes Barreiros* (UEFS)

[patriciobarreiros@hotmail.com](mailto:patriciobarreiros@hotmail.com)

**RESUMO**

Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) foi um poeta baiano de pouca difusão no meio literário da Bahia do século XX, mas que produziu um volumoso e significativo acervo literário, hoje, amplamente estudado pelo grupo de pesquisa *Edição da obra inédita de Eulálio Motta*. Neste trabalho apresenta-se a edição crítico-genética do cordel “A mesinha” faz parte de um conjunto de poemas avulsos deixado pelo autor em seu acervo. Os poemas avulsos foram reunidos pelo grupo de pesquisa supracitado e vem sendo objeto de estudo de mestrado, visando editar tais textos a fim de tornar pública a obra poética de Eulálio Motta e possibilitar novas investigações nos mais diversos campos de pesquisa. O poema “A mesinha” captura o falar popular, crenças e o cotidiano das comunidades do interior da Bahia de meados do século XX. A edição toma como base os pressupostos teóricos e metodológicos da Crítica Textual (SPAGGIARI; PERUGI, 2004) da Crítica Genética (SILVA, 2010) e dos estudos acerca dos acervos de escritores (MARQUES, 2015). A edição das poesias avulsas de Eulálio Motta está alicerçando os critérios filológicos e genéticos elaborados por Barreiros (2012 e 2015).

**Palavras-chave:**

Edição crítica. Eulálio Motta. Poesias avulsas.

**1. Introdução**

A edição de textos de escritores pouco conhecidos em seu contexto literário tem movimentado de maneira significativa os alicerces da literatura contemporânea, outrora voltada exclusivamente para os autores canônicos. De modo, que a filologia tem contribuído sobremaneira para renovar os estudos em âmbito literário, trazendo átona textos e autores que nos dias atuais se tornaram importantes fontes na compreensão das movimentações culturais, históricas e literárias de seu tempo e de seus núcleos sociais. O poeta Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) é um exemplo emblemático de um autor do século XX pouco conhecido e difundido na literatura baiana de seu tempo, mas que no contexto atual despertou interesse da academia.

Seu acervo é vasto e variado, demonstrando um sujeito preocupado em arquivar não somente sua produção escrita, mas as memórias da

sociedade de seu tempo. Neste trabalho pretende-se mostrar, através da edição do poema “A mesinha” a preocupação desse autor em preservar e valorizar as marcas culturais da sua comunidade. O poeta multifacetário Eulálio Motta, através de sua escrita e de muitos outros objetos do seu acervo legou ao tempo presente um rico repositório da memória literária, histórica e cultural do interior da Bahia do século XX.

## 2. *O acervo de Eulálio Motta, o colecionador de memórias*

Dentre as práticas de preservação da memória estabelecidas nas sociedades letradas, a escrita ocupa lugar de destaque pelas inúmeras possibilidades que oferece. [...] A escrita não é a memória viva, mas ela tem a capacidade de rememorar, de evocar as lembranças, de funcionar como reminiscência e como garantia de se ter acesso a uma aparência da verdade do passado, de ser um lugar da memória. (BARREIROS, 2015, p. 27-8)

O poeta baiano Eulálio Motta colecionou em seu acervo pessoal uma variedade de documentos que permitem vislumbrar o cenário cultural e político do interior da Bahia do século XX, além das ideologias que circulavam em alguns momentos cruciais da história do Brasil, como a Ditadura Militar, por exemplo. Portanto, não seria equívoco afirmar que Eulálio Motta lançou mão de sua escrita para preservar a memória de seu tempo. E desta forma garantir que as novas gerações tivessem acesso a suas opiniões acerca de vários temas. Além de temáticas relativas ao cotidiano, tais como os acontecimentos festivos, inusitados e inovadores de Mundo Novo, ele também registrou o modo de vida e o falar dos sertanejos que viviam na zona rural.

No que tange a política, o poeta Eulálio Motta escreveu textos exaltando o integralismo que, segundo ele, seria o partido político com condições para colocar o país nos trilhos. Eulálio Motta escreveu ainda textos que demonstravam preocupação com o comunismo, a exemplo do texto “Comunismo” publicado na coluna “rabiscos”, do jornal *Mundo Novo*, em 1931. Segue o fragmento do texto mencionado, no qual Eulálio Motta assina com o pseudônimo Liota:

Os governantes de Moscou estão fazendo mais uma tentativa para escravizar toda nação russa, segundo documentos que acabam de ser descobertos. Outros não são os intuitos das chamadas leis do trabalho aprovadas pelo parlamento dos vermelhos, atualmente em sessão Os autocratas de Krenlin decidiram exterminar toda forma de individualismo na Rússia escravizada sob a administração de Stalin. Foi, agora, feito o primeiro ataque contra as mulheres. As mulheres deixarão seus lares para se tornarem escravas, sob o controle do Soviet, e elas são, ao todo, 80.000. Por esse meio Stalin espera liquidar até

1934 todo vestígio de vida do lar na Rússia urbana. Mas na Rússia rural, as mulheres estão sendo arrancadas dos seus lares, afim de irem trabalhar nas fazendas comunistas coletivas, onde a vida em comum será obrigada rigorosamente. (LIOTA, 1931, p. 4)

Para explorar temas do cotidiano, Eulálio Motta, que circulava entre os mais variados grupos sociais, escreveu trovas, causos e cordéis. Muitos desses textos são carregados de Humor, mas trazem também reflexões pertinentes sobre os problemas de Mundo Novo e de sua população. Pode-se citar como exemplo o texto a ser editado neste trabalho em que o autor traz com tom humorístico as dificuldades enfrentadas pelas populações rurais quando adoeciam.

Segundo Liliane Barreiros (2016),

Eulálio Motta pesquisava o comportamento dos trabalhadores rurais, desde a maneira como se comunicavam, as suas tradições e crenças. Em seguida, anotava suas observações em cadernos e depois escrevia sua literatura, explorando a cultura sertaneja a partir de tais anotações. (BARREIROS, 2016, p. 37)

Além de capturar, através de sua escrita, o cotidiano da região em que vivia, o poeta Eulálio Motta costumava distribuir seus textos em panfletos, estimulando a leitura rápida e em grupo nas rodas de conversa. Isso possibilitava que sua escrita chegasse tanto aos sujeitos letrados quanto aos iletrados. Issopotencializava sua arte literária e suas opiniões estivessem constantemente em circulação, movimentando o cenário intelectual de Mundo Novo. Muitos dos panfletos foram cuidadosamente guardados pelo poeta baiano e hoje são importantes fontes de consulta acerca dos assuntos que circulavam nas comunidades interioranas da Bahia.

É possível afirmar que o acervo de Eulálio Motta funciona como ocanteiro de obras de seu fazer literário. Já que contém, de forma organizada, seus cadernos com escritos que vão desde anotações climáticas, a listas do gado, com o nome dos animais, endereços de ruas, pessoas etc. até mesmo rascunhos de cartas endereçadas a intelectuais e políticos, bem como, poemas, causos e trovas que escrevera ao longo da vida. Eulálio Motta guardou os rascunhos de seus textos, deixando a mostra os rastros de seu processo de escrita. O poeta parecia sentir que seu acervo seria importante fonte de consulta no futuro. Salta aos olhos sua organização e o ímpeto de guardar os objetos e documentos que considerava significativos.

Marques (2015) aborda duas características importantes relacionadas a acervos e escritores que também podem ser observadas no acervo

de Eulálio Motta. A primeira diz respeito ao colecionismo, ou seja, o autor que é também um colecionador, pois é capaz de selecionar, recortar e colar uma grande diversidade de objetos linguísticos e assuntos diversos em diários, cadernos, etc. As coleções pessoais dos escritores saem do espaço privado e findam por aparecer no espaço público de modo a revelar a identidade construída do referido dono. Já que o colecionador ao organizar seu acervo o faz de modo intencional para constituir a identidade que deseja.

Segundo Marques (2015),

Centradas na personalidade do escritor, suas coleções compõem um gesto autobiográfico. Todavia, elas constituem um suporte de interação com outros, projetando-se para a esfera pública. Como autorrepresentação de uma personalidade singular [...], as coleções representam também, metonimicamente, um grupo, uma sociedade. (MARQUES, 2015, p.140)

Ao arquivar os documentos importantes para si, o autor arquiva a memória de um tempo, de uma comunidade, de uma geração. E, portanto, o acervo quando aberto deixa de ser uno, individual para revelar os costumes, crenças, ideologias de um dado período da história. Além disso, Marques (2015, p. 193) irá discutir o ímpeto dos sujeitos arquivarem a si mesmos, ou seja, “o arquivamento do eu”. Este arquivamento se dá justamente pelo impulso dos sujeitos arquivarem o que é relevante para si, o que desejam guardar para lembrar, para constituir suas identidades individuais que acabam por tornarem-se públicas. É o caso dos acervos de escritores.

De acordo com Marques (2015), no arquivamento do eu,

[...] são acionadas práticas múltiplas de arquivamento: guardar papéis ou documentos em pastas, gavetas ou cofres; montar álbuns fotográficos; manter um diário ou, ainda, redigir uma autobiografia. São executadas diferentes operações intelectuais e manuais: analisar, selecionar, fazer triagem, manipular, omitir, sublinhar, rasurar, riscar, recortar etc. Nesses procedimentos importa salientar, a meu ver, tanto o gesto seletivo e classificatório quanto a intencionalidade por parte do indivíduo que constitui seu arquivo pessoal. (MARQUES, 2015, p. 193)

O poeta Eulálio Motta, ao constituir o seu acervo pessoal, legou as gerações futuras uma imagem não somente de si enquanto poeta, intelectual e político, mas principalmente, uma imagem do interior da Bahia do século XX nos aspectos literários, culturais e políticos. Em suas gavetas, em sua biblioteca, em seus mais variados objetos estão arquivados as ideologias que circularam e o seu modo de enxergar o tempo em que viveu.

### 3. Por uma edição crítica

Qual escritor, hoje em dia, não se relê, não se corrige a si próprio, numa edição para outra? Aqueles de outrora, decerto, não estimavam menos a sua arte, nem gostavam menos do sucesso, do dinheiro, da glória (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 155).

Desde tempos antigos a filologia se debruça sobre os textos a fim de garantir que a humanidade possa lê-los com o máximo de rigor e segurança. Quando os filólogos trabalhavam com textos apógrafos havia o desafio de identificar a versão mais próxima do original perdido. Portanto, o trabalho era demasiado árduo. Afinal, havia séculos de produções textuais para se garimpar o texto menos distante daquele que saiu do punho do autor. Exemplo emblemático é o novo testamento da bíblia, cujos testemunhos passam dos cinco mil.

A filologia do presente, porém, têm em mãos outros desafios. Não mais se debruça sobre uma tradição textual apógrafo, mas sim autógrafo. O desafio da crítica textual deixa de ser identificar o testemunho com menos discrepâncias em relação ao original, mas sim, identificar a versão mais recente dentre os vários testemunhos autógrafos de determinado autor. Spaggiare e Perugi (2004) salientam que os autores de hoje estão em constante processo de releitura de si mesmos e, conseqüentemente, de reescrita de seus textos, portanto, produzem inúmeras versões de um mesmo texto a fim de aprimorar seu texto. Mas e os autores clássicos? Não havia variantes de seus textos? É obvio que seria demasiado ingênuo pensar que somente os escritores do presente fizeram esse exercício de reescrita, já que este é um processo natural em qualquer sujeito que lance mão do ato de escrever. Contudo, os vestígios de variantes em textos clássicos são muito escassos. Spaggiare e Perugi (2004) trazem exemplos de variantes autorais da idade média que recentemente foram encontradas, comprovando que os escritores antigos também produziram variantes.

As variantes revelam o outro lado da escrita, trazem à tona as hesitações dos escritores, as dúvidas, mudanças nos textos, acréscimos, supressões. As variantes revelam as rasuras e as rasuras sempre estiveram atreladas ao erro, portanto, vista de modo negativo. A crítica textual tradicional, com o intuito de identificar a versão final de um texto, não valoriza os testemunhos em sua plenitude, concentrando-se apenas no código alfanumérico ou escolhendo uma variante, deixando para traz um universo dinâmico de possibilidades. A crítica genética tem se ocupado de mo-

do mais dinâmico dos processos de criação dos textos e seu objetivo principal é compreender os caminhos percorridos pelo autor e os gestos de escritura registrados no suporte. O estudo das campanhas de escrita permite ao filólogo identificar as mudanças feitas pelos autores no decorrer de sua produção. Seus acréscimos, supressões, anotações, rasuras trazem a tona o trabalho de raciocínio do escritor, revelam a gênese de sua escrita.

Segundo Silva (2010, p. 224),

A Crítica Genética, porém, não busca o texto primordial, mas parte dele para compreender, através das diversas versões, o trabalho de criação, o processo de aparecimento do texto, até chegar àquele que é o texto considerado pronto, ou a versão definitiva, pelo autor. (SILVA, 2010, p. 224)

A edição crítica Genética lança mão dos materiais do acervo do escritor para compreender o que foi mobilizado para escrita do texto. O acervo é o *locus* onde o autor guardou seus rascunhos, suas leituras, é o canteiro de obras do escritor. Portanto, é lá que se encontram as chaves necessárias para se elucidar as etapas da gênese de um texto. Conforme dito anteriormente, o acervo converte-se em um complexo e rico baú a ser decifrado pelo filólogo. Pois é no acervo que se encontram as perguntas e as respostas acerca do autor e sua obra.

#### 4. *A edição do cordel “A mesinha”*

O cordel “A mesinha” corresponde a um dos textos mais emblemáticos do conjunto de poemas avulsos de Eulálio Motta. O conteúdo deste cordel permite que o leitor seja transportado para o ambiente rural do interior da Bahia da primeira metade do século XX e assim possa compreender o cotidiano, por meio de práticas sociais dos sertanejos.

Segundo Liliane Barreiros (2016),

[...] para se conhecer um grupo social, é necessário observar as formas utilizadas para representar a realidade que o circunda. É por meio da língua escrita e/ou falada que se organiza e mantém integrados os conhecimentos acumulados ao longo das gerações, permitindo aproximar-se de aspectos sutis do seu modo de agir e ser no mundo. (BARREIROS, 2016, p. 25)

Sendo assim, foi a partir da representação do falar popular no cordel “A mesinha” que o autor conseguiu trazer a tona aspectos das relações sociais e cotidianas e das crenças daqueles sujeitos. Eulálio Motta evidenciou em seu texto o hábito dos sertanejos de extrair da própria natureza os medicamentos que necessitavam para tratar as doenças que os acomete-

tiam. É possível perceber que a presença de um médico ou farmacêutico nessas comunidades rurais não era tão frequente. Talvez por isso, os sertanejos tinham tanta confiança nos tratamentos naturais. Algumas vezes, os sertanejos também buscavam ajuda das rezadeiras. As rezadeiras, representada neste cordel pela figura de Sá Zefinha, eram figuras bem presentes na vida cotidiana das comunidades rurais. Sendo elas, muitas vezes, responsáveis por guardar e transmitir as novas gerações rezas para males como dores de cabeça, quebranto em crianças pequenas, erisipela etc. Eulálio Motta, devido a sua formação de farmacêutico e, principalmente, por morar na zona rural mantinha forte convivência com os moradores da zona rural. Por isso consegue representar muito bem a cultura popular sertaneja do interior baiano e trazer esses saberes para seus textos.

Liliane Barreiros (2016), afirma que:

[...] a experiência com o universo rural, desde a infância, exerceu grande influência na obra do poeta que via o cotidiano da gente simples do campo como uma importante fonte de inspiração. [...] Enquanto cordelista, resgatou aspectos da cultura sertaneja, satirizou políticos e referiu-se a circunstâncias diversas da sociedade mundonovense. (BARREIROS, 2016, p. 30-1)

No cordel ora editado, Eulálio Motta apresenta um drama sertanejo com humor. O tom humorístico ou sarcástico aparece em textos do poeta a partir da década de 1930, muitas vezes acompanhado de seu pseudônimo Liota. Anteriormente, o poeta seguiu influência parnasiana simbolista, mas começou a aproximar-se das tendências modernistas e, com isso, imprimir um caráter humorístico em suas produções literárias (BARREIROS, 2016).

Eulálio Motta esboçou ainda a escrita de uma peça de teatro tomando como base o enredo do cordel “A mesinha”. A peça foi encontrada no caderno Farmácia São José, cuja data de 1940 aparece na capa frontal do caderno, ou seja, após a escrita da primeira versão do cordel que se conjectura ser de 1934. O cordel a mesinha, devido a toda a sua carga cultural, figura como uma leitura de grande relevância no âmbito literário, linguístico e cultural. A edição e divulgação deste texto abre caminho a pesquisas em diversos campos do conhecimento.

#### **4.1. Critérios de Edição**

As edições críticas dos poemas avulsos de Eulálio Motta seguem critérios alicerçados nas orientações do grupo de pesquisa *Edição das*

*obras inéditas de Eulálio Motta. Sendo assim, os critérios podem ser ampliados conforme surja a necessidade.*

1º A ordenação dos textos obedece a cronologia;

2º Quanto à estrutura da edição, segue-se o seguinte protocolo:

I) Insere-se o título, seguido da apresentação dos testemunhos, informando as fontes;

II) Faz-se a descrição física dos testemunhos;

III) Leitura filológica dos testemunhos;

IV) O texto crítico com o aparato é apresentado à margem direita da página;

V) Inserem-se as notas explicativas em pé de página, quando há necessidade;

3º código estabelecido para a identificação dos testemunhos na descrição e no aparato crítico:

a) como o título tem mais de uma palavra, utilizaram-se as iniciais das duas primeiras palavras em maiúsculo;

c) o texto é politemunhal, por conta disso, após as letras que identificam o título acrescentou-se as letras M para manuscrito, D para datiloscrito, F para folheto e C para caderno;

d) quando há mais de um testemunho em datiloscrito acrescentou-se um número arábico em ordem crescente para facilitar a identificação;

4º Critérios para escolha do texto base:

a) Foi escolhido como texto de base o último testemunho.

5º A apresentação do texto crítico:

a) Título do poema em caixa alta;

b) Código estabelecido para identificação do texto de base, alinhado à margem esquerda;

c) Os versos numerados de 5 em 5 e indicados à margem esquerda;

d) Apresenta-se o aparato ao lado do texto crítico, à direita. Indicam-se as variantes em negrito e em fonte menor em relação ao texto crítico.



Os símbolos utilizados para mostrar o processo de escrita do autor foram: [←] acréscimo na margem esquerda; / \* / leitura conjecturada; {} /\ substituição por sobreposição, na relação {substituído} /substituto\; [↑] acréscimo na entrelinha superior; [←] acréscimo na margem esquerda.

### ***A mesinha***

O cordel dispõe de cinco testemunhos. Destes um é manuscrito-avulso (EH1.924.CL.08.008), dois datilografados (EC1.925.CV1.20.002), também pertencentes ao conjunto de poemas avulsos, um testemunho impresso (F75. CL. 02. 002) e outro testemunho encontra-se no caderno “Diário de um João ninguém” (A5.CV1.05.001).

Descrição física do testemunho:

#### **AMEM**

O testemunho manuscrito do cordel *A Mesinha* trata-se de uma fotocópia do original que não se encontra no acervo. O testemunho está dividido em duas folhas. Sendo assim, a primeira folha mede 211mm de largura por 297 mm de altura. A mancha escrita corresponde a 30 linhas. É composto por oito estrofes. Não há correção do autor, mas há manchas em tinta preta dificultando a leitura em um trecho do texto. Em alguns pontos do texto a tinta preta de escrita aparece mais clara, tornando a leitura menos fluida.

A segunda folha mede 211mm de largura por 297mm de altura. A mancha escrita corresponde a 36 linhas. É composto por 5 estrofes. Não há marcas de burilamento do autor. Foi encontrado manchas em tinta preta na margem esquerda do papel.

#### **AMED1**

A folha do testemunho datiloscrito mede 211mm de largura por 297mm de altura. A mancha escrita se constitui de 66 linhas. O fragmento é composto por 9 estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. Este testemunho corresponde a fotocopiado texto original. O original não foi encontrado no acervo do autor.

#### **AMED2**

A folha do testemunho datiloscrito mede 216mm de largura por 329mm de altura. A mancha escrita se constitui de 69 linhas. O fragmen-

to é composto por 10 estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do documento é preta.

### AMEC

Este testemunho foi encontrado no caderno “Diário de um João ninguém II”. O caderno possui a data de 1977, na capa frontal. O texto *A Mesinha* encontra-se nos fôlios 29v, 30r, 30v, 31r. O caderno possui encadernação em espiral de arame já em processo de oxidação, as folhas estão com aspecto amarelado e possui algumas pequenas manchas em tom amarelo mais escuro. A tinta de escrita do texto *A mesinha* é azul. O texto apresenta borrões no fôlio 29v. A mancha escrita corresponde a 71 linhas. Possui 9 estrofes, sendo que a última é uma estrofe monóstica, ou seja, constituída por apenas um verso.

### AMEF

Este testemunho trata-se de um folheto impresso em maio de 1982, no Estado de São Paulo pelo cordelista baiano Franklin Maxado. Embora o ano de impressão do texto seja 1982, a data que figura abaixo do texto “A mesinha”, publicado neste folheto, é 1934, ano provável de escrita do original.

A folha mede 156mm de altura por 108mm de largura. Possui 10 estrofes. A tinta de escrita do texto é preta. Não há marcas de rasuras ou anotações marginais.

### Leitura filológica dos testemunhos

O trabalho de análise das variantes do cordel “A mesinha” foi particularmente intrigante e revelador. O acervo dispunha de cinco testemunhos do texto em suportes variados. Sendo estes: duas fotocópias, uma manuscrita AMEM e outra datilografada AMED1, cujos respectivos originais não foram encontrados no acervo; um datiloscrito original; AMED2; um folheto AMEF publicado em 1982, e um manuscrito encontrado em um caderno datado de 1977, o AMEC.

As datas dos documentos é o primeiro detalhe que salta aos olhos na confrontação dos testemunhos. No testemunho AMEM não aparece a data de escrita do texto, mas sim um acréscimo na entrelinha superior, afirmando que a data do texto “original” seria 1938. Porém, conforme a análise do documento sugere, o autor não se referia ao original da fotocópia, já que o acréscimo não foi feito sobre o texto após ser fotocopiado, mas já estava no original que não se encontra no acervo. Esse detalhe

permite a conjecturação de que o autor estivesse se referindo a primeira versão feita por ele do cordel “A mesinha”. Já no testemunho AMEC de 1977, o autor coloca a data de 1934, em seguida, entre parênteses, o sinal de interrogação. Tal sinal sugere dúvida do autor em relação à data correta da primeira composição do texto. Já que, ao que parece, o autor queria colocar não a data exata em que escreveu o testemunho AMEC, mas a da primeira versão. Já o testemunho AMEF, publicado em 1982 por Franklin Maxado traz a data de 1934. Embora o autor tenha publicado o texto quase cinco décadas depois, queria que este tivesse a data do texto gênese. O testemunho AMED2 parece ser o único que carrega a data efetiva de sua escrita, o ano de 1943.

O testemunho escolhido como versão mais recente e, portanto, o texto de base foi o AMEF publicado em 1982. É fato que o autor Eulálio Motta tentou trazer a data de sua primeira composição para a maioria dos testemunhos encontrados no acervo. E, que sua escolha final para publicação foi o testemunho de 1982. Portanto, esta é a versão mais recente encontrada no acervo.

Os testemunhos possuem quebra de estrofes em locais diferentes. Isso ocorre principalmente nos testemunhos AMED2, AMEF e no AMEC. Foi encontrado também diferenças quanto à pontuação. De modo que se em um testemunho o verso termina com vírgula, em outro há um sinal de exclamação, por exemplo. Há também alternâncias entre o uso de letras maiúsculas e minúsculas no início dos versos e mudança ou até mesmo supressão dos acentos nas palavras. Além da variação entre plural e singular de algumas palavras. Em alguns testemunhos se verificou supressão ou acréscimo de letras. A exemplo da linha dez em que a palavra *aquela* aparece com dois L no testemunho AMEC.

Nos testemunhos AMEF e AMEC, o autor introduziu travessões para indicar o discurso direto dos personagens em diálogo. No testemunho AMEC, o autor troca a palavra *Pobre* dos demais testemunhos pela palavra *pode* na linha 22. O que demonstra um lapso do autor no momento da escrita. Conjectura-se que neste mesmo testemunho o autor deslocou por descuido uma das estrofes que deveria está localizada após a sétima estrofe do testemunho AMEF, utilizado como texto base, para o final do texto. O autor sinalizou com um X esta estrofe deslocada e o local onde ela deveria ter sido escrita. Um sinal claro dos lapsos do autor em sua escrita.

Verificou-se que no testemunho AMED1, correspondente a fotocópia do original, foram suprimidos três versos do cordel. Essa supressão ocorreu após o verso “Cunsrosaro, cumas velas”. Essa é uma ação exógena que independe da escrita do autor, ocorreu no momento em que o texto foi xerocado.

## AMEF

A MEZINHA	AMEM AMED1 A <u>mesinha</u> AMED2 A MESINHA AMEF A MEZINHA AMEC A <u>mezinha</u>
Bas tarde, cumpade Zé	AMEM AMED1 AMED2 B'as tardecumpade Zé! AMEF Bas tarde,cumpade Zé AMEC - Bas tarde,cumpadeZé!
Cuma vai cumade Jana?	
E tem se amiorado	
5 Cum xarope de imburana?	AMEM AMED1 AMED2 AMEF Cu AMEC cu
Cumpade, ela tá mió	AMEM Cumpade / mió AMEF - Cumpade / mió AMED1 AMED2 Cumpade / mió? AMEC -Cumpade / mió!
Já tá bem amiorada	
Tá c' outa istampa mais viva	AMEM AMED1 AMED2 Já tá c' outa estampa mais viva, AMEFTá c' outa istampa mais viva AMEC Tá outa {fala} /estampa\ mais viva AMEM AMED1 AMED2 AMEF C'outa fala AMEC Cuma /* {estampa} /fala\ /
C' outa fala mais rosada	
10 Nem parece mais aquela	AMEM AMED1 AMED2 AMEFNem / aquela AMEC nem / aquela
Da sumana retrasada	AMEM AMED1 AMED2sumana / retrasada. AMEF sumana / retrasada AMEC /*semana/ / retrasada.
Quem tá de má pra pió	AMEM AMEFpió AMED1 AMED2 AMEC pió,
É a vizinha, cumpade!	AMEM AMED1 AMED2 cumpade, AMEF cumpade! AMEC é /*a vizinha/, cumpade,
A cumade Fricidade	AMEM AMED1 AMED2 Muié de Zé Frutunato AMEF A cumadeFricidadeAMECa cumadeFricidade.
15 Muié de Zé Frutunate	AMEM A cumadeFricidade: AMED1 AMED2 A cumadeFricidade, AMEF Muié de Zé FrutunateAMEC [↑ muié de Zé Frutunate]
la pra mais de treissumana	AMEM AMED1 AMED2 Pra mais de treissumana AMECTá pra mais de 3 semana AMEM q'ela/ guentá AMED1 Q' ela / guentáAMED2 Q' ela / guentá AMEF lapra mais de treissumana

	AMEC que ela / guentá,
Q'ela tá pra nanquentá	AMEM Ca espinhelacaída AMED1 AMED2 Ca espinhelacaide AMEF Q'ela tá pra nanquentá
Cá ispinhela caída	AMEC caispinhela caída, AME1 AMED1 AMED2 Sem pudêlevantá, AMEF Cá ispinhela caída
Sem pudêlevantá	AMEC sem podêamiorá
20 Nan tem mais nada, cumpade!	AMEMAMED1 AMED2 Nau tem mais cha, nau tem nada AMEF Sem pudêlevantá AMEC nau tem mais / <sup>*</sup> mi/
Que seo Zé nan tenha dado	AMEM q'ula AMED1 Q'uela AMED2 Q' ela AMEF Nan tem mais nada, cumpade: AMEC nau tem nada
O pobre do Frutunate	AMEF Que seo Zé nan tenha dado AMEC qu'elatêje sem {pomá} /tomá.
Nem pode mais creditá	AMEM AMED1 AMED2 O pobre Zé Frutunato AMEF O pobre do Frutunate
Q' inda ingistaargumafoia	AMECO pode Zé Frutunate AMEM AMED1 AMED2 AMEF Nem AMEC nem
25 Q' ele inda teje sem dá!	AMEM q' ainda inxiste AMED1 AMED2 Q'aindainxiste AMEF Q' inda ingista AMEC qu'indainjista
Ele inténan tem mais unha	AMEM q' ele aindateje sem dá AMED1 AMED2 Q'ele aindateje sem dá AMEF Q' ele indateje sem dá! AMEC qu'ele inda teje sem dá.
De cavá tanta raiz	AMEM AMED2 AMEC tem AMED1 / <sup>*</sup> temo/
Por dento daquelas foia	AMEM Decavar tanta raiz AMED1 AMED2 Decavá tanta raiz AMEF Ele inténan tem mais unha AMEC decavá tanta raiz
Qui os intendido lhe diz!	AMEM / <sup>*</sup> pru/ dento daquelas foia AMED1 AMED2 Prudento daquelas foia AMEF De cavá tanta raiz AMEC por dento das foias
	AMEM qui / diz AMED1 AMED2 Qui / diz AMEF Por dento daquelas foia AMEC que / diz.
	AMEM vire AMEF Qui os intendido lhe diz!
30 Jurubeba, caiçara,	AMEM AMED1 AMED2 Jurubeba, caiçara AMEF Jurubeba, caiçara, AMEC Caiçara, jurubeba
Corredêra, mangalô,	AMEM Corredêra, mangalô AMED1 Corredêra, maggâôô (mangalô) AMED2 AMEF Corredêra, mangalô AMEC corredêra, mangalô, AMEM AMED1 AMED2 AMEF A AMEC a
A raiz do licuri	AMEM Do / pô, AMED1 AMED2 AMEF Do / pô AMEC do / pô.
Do lado do só se pô	AMEM AMED1 AMED2 E tudo quando é raiz AMEFAMEC E mais de mile raiz
E mais de mile raiz	AMEM Qui / encinou, AMED1 Qui / <sup>*</sup> encrou\ AMED2 Qui / encinou AMEF Qui / insinou AMEC que / ensinou,
35 Qui todo mundo insinou	AMEM Zé frutunatojá deu, AMED1 AMEF Zé frutunatojá deu AMEC Zé frutunatejá deu,
Zé Frutunate já deu	AMEM AMED1 A cumade játomou, AMED2 Zé Frutunatojá deu AMEF AMEC A cumade játomou
A cumade já tomou	AMEM Mais porem nada valeu AMED1 AMEF Mais porém nada valeu AMED2 A cumade já tomou, AMEC mais porem nada valeu,
Mas porém nada valeu	AMEM Nenhum remedio prestou. AMED1 Nenhum remedio prestou AMED2 Mais porém nada valeu AMEF Nenhum remedio prestou AMEC nenhum remedio pres-

tou

Nenhum remedo prestou	AMEM AMED1 <b>Pra</b> quelatravei nem reza AMED2 <b>Nenhum remédio</b> prestou AMEF <b>Praquela</b> travei nem reza AMEC <b>pra</b> quelatravei nem reza
40 Praquela traveis nem reza	AMEM AMED1 <b>Nem</b> mesinha de douto AMED2 <b>Pra quela traveis nem reza</b> AMEF <b>Nem</b> <b>mezinha</b> de doutor! AMEC <b>nem</b> <b>mezinha</b> de doutô.
Nem mezinha de doutor!	AMED2 Nem mesinha de dotou AMEC Faismêmo pena, cumpade, AMEC é mêmô de faze dô
-Faismêmo pena, cumpade!	AMEM <b>Fazmemo</b> pena, <b>cumpade</b> AMED1 AMED2 <b>Fazmesmo</b> pena, <b>cumpade</b> AMEF <b>-Faismêmo</b> pena, <b>cumpade!</b> AMEC <b>se</b> <b>inguli tanta</b> <b>mezinha</b>
É mêmô de fazêdô	AMEM AMED1 É <b>memode</b> fazê dô AMED2 <b>mesmo</b> AMEF <b>mêmo</b> AMEC <b>sem</b> <b>se</b> <b>vê</b> <b>fica</b> <b>mió!</b>
Se inguli tanta mezinha	AMEM AMED1 AME2 <b>mesinha</b> AMEF <b>mezinha</b> AMEC <b>Nau</b> <b>tem</b> <b>mais</b> , <b>cumpade</b> , [ʃ x]
45 Sem se vê ficâmió!	AMEM AMED1 AMED2 <b>mió</b> AMEF <b>mió!</b> AMEC <b>que</b> <b>seu</b> <b>Zé</b> <b>nau</b> <b>tenha</b> <b>dado</b> . AMEC Intébofe de arabu
Trésontonte, sáZefinha	AMEM AMED1 AMED2 <b>Treisantonte</b> Sa AMEF <b>Trésontonte</b> , <b>sá</b> AMEC <b>cum</b> <b>pimenta</b> , <b>cusinhada</b>
Foi lá cuns ramo na mão	AMEM <b>cum / mão</b> , A MED1 AMED2 <b>cum / mão</b> AMEF <b>cuns / mão</b> AMEC <b>no</b> <b>cardo</b> <b>da</b> <b>lagartixa</b> ,
Cunsrosaro, cumas velas	AMEM <b>Cumrosaro / vela</b> , AMED1 AMED2 <b>Cumrosaro / vela</b> AMEF <b>Cunsrosaro, / velas</b> AMEC <b>foi</b> <b>siturdiaa-pricado</b> .
Feis um bando de oração	AMEM AMED2 <b>Fez</b> AMEF <b>Feis</b> AMEC <b>Pila</b> <b>de</b> <b>toda</b> <b>invenção</b> ,
50 Mas porém nada foi nada	AMEM <b>Mas</b> <b>porem</b> AMED2 <b>Mais</b> <b>porém</b> AMEF <b>Mas</b> <b>porém</b> AMEC <b>alixi</b> , <b>tudo</b> <b>foi</b> <b>dado</b> , AMEM <b>memo</b> <b>que</b> AMED2 <b>mesmo</b> <b>que</b> AMEF <b>mêmoqui</b> AMEC <b>mais</b> <b>porem</b> <b>nada</b> <b>foi</b> <b>nada</b>
Tudo foi mêmôqui não!	AMEC <b>no</b> <b>finá</b> <b>do</b> <b>risurtado</b> ,
-Nan tem mais nada, cumpade!	AMEM AMED1 AMED2 <b>Nau / nada</b> <b>cumpade</b> , AMEF <b>-Nan / nada</b> , <b>cumpade!</b> AMEC <b>-</b> <b>Cumpade</b> , <b>vancêdis-curpe</b>
Quiseo Zé nan tenha dado	AMEM <b>queseu</b> <b>Zé</b> <b>nau</b> AMED1 <b>Quiseu</b> <b>Zé</b> / <sup>o</sup> <b>não!</b> AMED2 <b>Quiseu</b> <b>Zé</b> <b>nau</b> AMEF <b>Quiseo</b> <b>Zé</b> <b>nan</b> AMEC <b>que</b> <b>eu</b> <b>nunca</b> <b>fui</b> <b>entendido</b> ,
Inté bofe de arubu	AMEM <b>urubu / pimentacusenhada</b> AMED1 <b>urubu / pime</b> AMED2 <b>urubu / pimenta</b> AMEF <b>arubu</b> AMEC <b>más</b> <b>ca</b> <b>mezinha</b> <b>que</b> <b>eu</b> <b>sei</b> ,
55 Cum pimenta cuzinhado	AMEM <b>No</b> <b>cardo</b> <b>da</b> <b>lagatixa / AMED1 nhada</b> AMED2 <b>cusinhada</b> AMEF <b>Cum</b> <b>pimentacuzinhado</b> AMEC <b>o</b> <b>caso</b> <b>tá</b> <b>risurvidô!</b> AMEM <b>Foi</b> <b>Siturdiaapricado</b> .
No cardo da lagatixa	AMED1 AMED2 AMEF <b>No</b> <b>cardo</b> <b>da</b> <b>lagartixa</b>
Foi cirtur dia apricado	AMEM <b>Pila</b> <b>de</b> <b>toda</b> <b>invenção</b> , <b>alixi</b> , AMED1 AMED2 <b>Foi</b> <b>siturdiaapricado</b> AMEF <b>Foi</b> <b>cirturdiaapricado</b> AMEC ?
Pila de toda invenção	AMEM <b>Tudo</b> <b>foi</b> <b>dado</b> AMED1 <b>Pila</b> <b>de</b> <b>toda</b> <b>invenção</b> , <b>alixi</b> : AMED2 <b>Pila</b> <b>de</b> <b>toda</b> <b>invenção</b> , <b>alixi</b> AMEFPila de toda invenção
Alixi, tudo foi dado!	AMEC <b>-</b> <b>O</b> <b>mijo</b> <b>do</b> <b>bode</b> <b>macho</b> AMEM <b>Mas</b> <b>porem</b> <b>nada</b> <b>foi</b> <b>nada</b> AMED1 AMED2 <b>Tudo</b> <b>foi</b> <b>dado</b> AMEF <b>Alixi</b> , <b>tudo</b> <b>foi</b> <b>dado!</b> AMECCus estrume do marido

60	<p>Mas porém tudo foi nada</p> <p>No finá do risurtado!</p> <p>-Cumpade, vancêdiscurpê</p> <p>Q' eu nunca fui intendido</p> <p>Mas cá mezinha q' eu sei</p>	<p>AMEM No finá do risurtado. AMED1 Mais porém nada AMED2 Mais poré nada AMEF Mas porém tudo AMEC 1934 (?)</p> <p>AMED1 AMED2 risurtado AMEF risurtado!</p> <p>AMEM AMED1AMED2 Cumpade, /descurpe AMEF – Cumpade, /discurpê AMEC x Treisantonte Sá /<sup>h</sup>Feinha/ AMEM qui AMED1 Qui AMED2 Que AMEF Q' eu AMEC Foi lá cums ramo na mão</p> <p>AMEM cá mesinha que AMED1 AMED2 cámesinha que AMEF cá mezinha q' AMEC Cumas vela, cunsrosaro,</p> <p>AMEM /<sup>h</sup>O/ caso taresurvido,O mijo do bode macho AMED1 AMED2 O caso tá resurvido AMEF O mijo do bode macho AMEC feis um bando de oração.</p> <p>AMEM Cus estrume do marido!AMED1 AMED2 O mijo do bode macho AMEF Cus istrume do marido! AMEC mais porém tudo foi nada AMED1 AMED2 Cus estrume do marido! AMEC no foi mémoqui não</p> <p>AMEM[← A data do original é de 1938]</p> <p>AMED1 AMED2 [E. Motta] AMEF Mundo Novo, Bahia, 1934.</p> <p>AMEC Nau tem mais nada,etc. AMED1 AMED2 1943</p>
65	<p>O mijo do bode macho</p> <p>Cus istrume do marido!</p> <p>Mundo Novo, Bahia, 1934.</p>	<p>AMEM[← A data do original é de 1938]</p> <p>AMED1 AMED2 [E. Motta] AMEF Mundo Novo, Bahia, 1934.</p> <p>AMEC Nau tem mais nada,etc. AMED1 AMED2 1943</p>

## 5. Considerações finais

A análise do cordel “A mesinha” revela o trabalho de escrita do autor que muitas vezes comete erros e os conserta a fim de chegar a versão desejada. É de grande valor perscrutar os testemunhos em uma leitura lenta e atenta para rastrear os passos feitos pelos autores em suas composições. “A mesinha” sinaliza que o autor nem sempre datava seus textos com data exata de sua escrita, mas com a data de sua primeira versão. Como os testemunhos de “A mesinha” foram produzidos em datas muito distantes é perfeitamente possível o autor ter se confundido no momento de datá-los.

A edição e difusão dos textos de Eulálio Motta confluem para tornar esse autor um representante da literatura baiana. Seu legado é especialmente valioso pelo volume de produções literárias que deixou preservada em seu acervo. As pesquisas em seu acervo estão longe de se esgotarem. A escrita do poeta baiano pode ser estudada por inúmeras áreas do saber, pois Eulálio Motta compreendia o valor da escrita como forma de existir, de manifestar suas opiniões e de registro do cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIROS, Liliane Lemos Santana. *Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes. *O acervo do escritor e seu itinerário (auto)biográfico*. Todas as Letras (Makenzie), São Paulo, v. 18, n. 2, p. 235-250, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes; DESIDÉRIO, Maria Rosane Vale Noronho. Folhas ao vento: edição das poesias avulsas de Eulálio Motta. In: *Anais do VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais*, Universidade Estadual de Faria de Santana, p. 196-206, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes; GUSMÃO SANTIAGO, Iago. Eulálio Motta: jornalista de Mundo Novo. In: *Anais do VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais*, Universidade Estadual de Faria de Santana, p. 182-195, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes; SANTIAGO, Stephanie da Cruz. Edição e estudo do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta. In: *Anais do VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais*, Universidade Estadual de Faria de Santana, p. 92-105, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2015.

BARREIROS, Patrício Nunes. *Sonetos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2012.

BOAVENTURA, Tainá Matos Lima Alves. *Edição do livro inédito Flôres e Espinhos, de Eulálio Motta*. 2018.216f. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários (Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana). Feira de Santana: UEFS. 2018.

CINTRA, Pâmella Araujo da Silva; BARREIROS, Patrício Nunes. Edição crítico-genética do poema “Terra de promessa”, de Eulálio Motta. In: *Cadernos do CNFL*, v. 21. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2017. p. 628-48

DESIDÉRIO, Maria Rosane Vale Noronha; BARREIROS, Patrício Nunes. Edição crítico-genética do poema “Carnaval de Mundo Novo”, de Eulálio Motta. In: *Cadernos do CNFL*, v. 21. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2017. p. 643-57



LIOTA [Eulálio de Miranda Motta]. Comunismo. *Jornal Mundo Novo*. 24 jun. Bahia: Rabiscos, 1931. p. 4

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

ROCHA, Juliana Pereira. *Edição de Trovas de Eulálio Motta*. 2018.376f. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários (Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana). Feira de Santana: UEFS, 2018.

SANTOS, Fernando Santana de Oliveira. *Intelectual de(a) ação: a militância integralista de Eulálio de Miranda Motta no interior da Bahia (Mundo Novo, 1932-1947)*. 2018.221f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em História. Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana). Feira de Santana: UEFS, 2018.

SANTOS, Taylane Vieira dos. *Edição crítica do livro Canções de meu caminho 3ª edição do escritor Eulálio de Miranda Motta*. 2017.365f. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários (Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana). Feira de Santana: UEFS, 2017.

SILVA, Márcia Ivana de lima e. Relendo o não-dito: crítica genética e história da literatura. In: *Estudos linguísticos e literários* – n. 42 – Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, julho-dezembro, 2010.

SPAGGIARI, Barbara. PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.